

ARTESÃOS EM SÃO PAULO¹

Antonia Terra de Calazans Fernandes²

RESUMO:

Este texto trata da presença de artesãos na cidade de São Paulo atualmente e suas adaptações ao mundo do trabalho industrial e pós-industrial.

UNITERMOS: Artesãos, Artífices, Oficiais Mecânicos, História Oral.

Como podemos classificar sapateiros, alfaiates, marceneiros e ferreiros, enquanto categoria de trabalho, hoje em dia? Sabemos que na Europa medieval e renascentista estavam organizados em corporações de ofícios e no Brasil, até o início do século XIX, eram denominados de “oficiais mecânicos” e estavam submetidos às autoridades municipais. Hoje são pessoas que trabalham por conta própria, autônomos ou assalariados, donos de suas ferramentas manuais, que continuam a aprender na prática, iniciando com peças simples, até se tornarem oficiais habilidosos, responsáveis por todas as etapas de produção ou reparo de móveis, vestidos e sapatos.

Os limites impostos pelas propostas teóricas de análise das organizações econômicas dificultam, contudo, iluminar a permanência desta categoria profissional em sociedades industriais, onde os trabalhadores são expropriados de suas ferramentas e onde são impostas rigorosas divisões do trabalho.

¹ Esse artigo foi elaborado a partir da tese de doutorado defendida em agosto de 1997.

² Doutora em História Social pela FFLCH - USP.

Têm predominado, nos estudos da sociedade capitalista, as análises que dualizam as relações de trabalho. Muitos classificam os trabalhadores como aqueles que criam e aqueles que executam, ou como aqueles que são proprietários e aqueles que são assalariados. Por ser uma minoria, que não pode ser classificada em nenhum dos pontos extremos da dualidade, o artesão tende a desaparecer das análises sociais e econômicas.

Nos estudos com concepções históricas lineares e evolutivas, prevalecem também análises históricas que sugerem a idéia de substituição de uma modalidade de trabalho por outra, o que leva à generalização de que o artífice não é contemporâneo ao operário.

No caso dos estudos de tradição marxista, há a tendência, ainda, de ressaltar o papel da classe operária nas transformações sociais e políticas, principalmente porque a ela é atribuído o sentido histórico de efetivar a superação do modo de produção capitalista e de implantar uma sociedade mais justa. Enquanto a classe operária tem uma missão e um destino histórico, aqueles que dominam todas as etapas de produção pertencem ao passado.

Não existem estudos no Brasil sobre o convívio dos artesãos com o trabalho fabril. Sabemos apenas, através da bibliografia, que o trabalho dos pequenos artífices tendeu a desaparecer dentro do processo de formalização e nacionalização da economia capitalista e que, nas grandes aglomerações urbanas, a economia por conta própria, mesmo persistindo, foi, em parte, desarticulada pela lógica de concentração do capital.

Com o objetivo de caracterizar a especificidade do trabalho artesanal urbano, que permaneceu ao longo dos séculos, adaptando-se às novas conjunturas e estruturas econômicas, apresentamos nesse artigo alguns resultados de estudos sobre: a especificação do trabalho do artesão; a identificação dos “oficiais mecânicos” nos séculos passados; e a caracterização dos artífices na atualidade, realizada através de entrevistas, com alguns artesãos que trabalham hoje em dia na cidade de São Paulo.

Artista, artesão e oficial mecânico

Para estudar a história de sapateiros, marceneiros, marmoristas, alfaiates e costureiras é preciso categorizar esses trabalhadores nos dias atuais e historicamente, distinguindo-os de outros segmentos também designados como “artesãos”.

Na Europa, por exemplo, durante muito tempo não existia a distinção entre *arte* e *artesanato*, nem entre o *artista* e o *artesão*. A palavra *arte* era utilizada para designar desde uma obra-prima como a de Michelângelo até o sapato ou o móvel confeccionado por um sapateiro ou por um marceneiro. Foi no Renascimento que ocorreu a separação entre trabalho *artesanal* e trabalho *artístico* distinguindo a arte sem objetivo e sem utilidade da arte mecânica do trabalho de ofício (HAUSER, [19--], p. 415).

Em Portugal até o início do século XIX, a palavra *arte* continuou a ser empregada para designar o trabalho de um artesão (GAMA, 1994, p. 52). Existia, porém, para os portugueses a distinção entre “artes liberais” e “artes mecânicas” (BARDI, 1981, p. 18). Os artífices, chamados de “oficiais mecânicos” até o início do século XIX no Brasil, realizavam as chamadas “artes mecânicas”. Realizavam trabalhos semelhantes aos dos artífices que permanecem hoje em dia trabalhando nas pequenas alfaiatarias e sapatarias da cidade de São Paulo.

Se designarmos os atuais sapateiros, marceneiros e costureiras de artesãos, é preciso, contudo, considerar a possibilidade de distingui-los de outras categorias de artesãos. Não podem ser confundidos, por exemplo, com os artesãos que produzem os chamados “produtos artesanais”, que expressam as tradições artísticas, religiosas e utilitárias de uma cultura popular tradicional (cerâmica, cestaria, trabalhos artísticos de madeira, de cobre, de estanho e outros materiais), relacionada ao folclore ou ao mercado para turistas, tendo a sua obra o valor de

reminiscência de uma tradição cultural, que se perde no tempo e se identifica com a história de um povo (MASSARANI, 1983). Na verdade, são a categoria de trabalhadores qualificados, relacionados ao passado “pré-industrial” dos “ofícios mecânicos” (HOBSBAWM, 1987, p. 349), que realizam trabalhos voltados para o mercado, concorrendo com o sistema de produção industrializado, criando e moldando objetos de uso prático ou prestando serviços de reparos como sapateiros, marceneiros, pedreiros, carpinteiros, marmoreiros, costureiras e alfaiates.

No século XX, os artífices (antigos oficiais mecânicos, relacionados ao passado “pré-industrial”) teoricamente desapareceram no mundo industrial porque passaram a ser categorizados de modo diferente do que se fazia até então. Para atividades práticas e produtivas (manuais e mecânicas), a palavra deixou de ser *arte* ou *ofício* e passou a ser *técnica*.

Técnica passou a estar vinculada à *tecnologia* – “disciplina científica que estuda as atividades produtivas” (GAMA, 1994, p. 52). O emprego de *técnica* na produção passou a estar ligado a um modelo de aprendizado, que se tornou formalizado e teórico, transmitido em espaços de aprendizagem escolar. A *técnica* passou a ser relacionada ao “fazer” e a *tecnologia* ao “estudo de como fazer” – uma dimensão teórica e formal.

O aprendizado de técnicas, nas sociedades fabris, passou a acontecer nas escolas profissionais, criadas para substituir o aprendizado realizado anteriormente dentro das oficinas. Nas escolas profissionais, os jovens passaram a aprender algumas “técnicas” do ofício, atendendo à crescente implantação das manufaturas e das indústrias, que exigiam maior quantidade de mão-de-obra disponível no mercado de trabalho e que dispensavam parcialmente as habilidades e as perícias dos trabalhadores.

No plano teórico, pode-se dizer que, nas sociedades industrializadas, o trabalho prático tendeu a se confundir com *técnica*.

No que se refere ao trabalho técnico, é possível fazer a diferenciação ainda entre as “técnicas tradicionais” e as “técnicas modernas”, relacionadas às adaptações das categorias de ofício às transformações das relações de trabalho capitalista (KATINSKY, 1967, p. 521). Os ofícios – como, por exemplo, o de carpintaria – baseiam-se em técnicas tradicionais, onde o saber técnico é transmitido através da imitação, pela mimese, e pelo emprego de materiais que definem em primeira instância o tipo de trabalho: barro/ oleiros; madeira/ marceneiro; ferro/ ferreiro; ouro, prata/ourives. Por serem dependentes de longos e penosos processos empíricos, as técnicas tradicionais tendem a permanecer fixas no tempo, só cabendo aos mestres consagrados a tolerância de variações dos modos de trabalho e das formas (KATINSKY, 1967, p. 523).

As técnicas tradicionais distinguem-se das técnicas modernas por estarem vinculadas à escolaridade e à especialização, dependentes das ciências contemporâneas, beneficiando-se do discurso lógico e do intercâmbio entre as descobertas científicas, remodelando-se e substituindo as técnicas por novas práticas, que se adaptam às inovações tecnológicas da produção mais ampla do sistema econômico (técnico de televisão, de rádio, de contabilidade, de economia...) (KATINSKY, 1967, p. 522).

Entrevistas com artesãos da cidade de São Paulo, nos dias de hoje, contam que algumas pequenas oficinas de artífices, como sapatarias, alfaiatarias e marcenarias, o trabalho desses oficiais não pode ser caracterizado apenas pelo emprego de técnicas “tradicionais” ou de técnicas “modernas”, aprendidas na prática ou de modo formal em instituições escolares. A sua inserção desses trabalhadores no mundo industrial e pós-industrial é mais complexa.

Hoje em dia, é exigido do artífice alguma habilidade profissional e domínio de todas as etapas de produção. Geralmente, produz ou conserta peças exclusivas e originais, a partir de encomendas de clientes, enfrentando o trabalhador, no dia-a-dia, o dilema de recuperar vivências, experiências e criar soluções diante de novos problemas. Ao mesmo tempo, ele aprende seu ofício a partir de longos anos de prática na oficina, isto é, aprende fazendo, imitando, conquistando experiências a partir de erros e acertos. E, simultaneamente, pode adquirir um diploma através de escolas profissionalizantes. Adaptando-se às novas estruturas do sistema econômico e social, faz uso de novas matérias-primas, substitui antigas práticas por novas, reconstitui nos consertos os processos industrializados de confecção (como no caso dos sapateiros) e introduz a máquina para facilitar o seu trabalho.

Entrevistas

Na tentativa de localizar os artesãos na atualidade e compreender as suas relações sociais e econômicas, optamos por uma pesquisa de campo, através de coleta de histórias profissionais. Para tanto, delimitamos um espaço na cidade de São Paulo: o bairro da Vila Madalena.

A escolha do bairro decorre do fato de ter sido um espaço urbano ocupado, desde o início do século, por portugueses e negros que trabalhavam em pequenas oficinas de marcenaria, costura, alfaiataria, sapataria, marmoraria e gesso (algumas das quais ainda sobreviventes). O bairro tem sofrido, nas últimas décadas, grandes transformações. Os pequenos estabelecimentos foram desaparecendo. Nos espaços das oficinas, dos cortiços, das pequenas casas e vilas de operários, foram surgindo prédios destinados à classe média, bares modernos, pizzarias, teatros,

galerias de arte, lojas de móveis e objetos confeccionados por designers, que atraem pessoas de toda a cidade, sendo considerado um local privilegiado quanto a arte e vivência urbana.

Entrevistamos 12 artífices: dois sapateiros, dois marmoristas, um dono de marmoraria, dois marceneiros, um dono de marcenaria, um alfaiate, uma costureira, um escultor e um cabeleireiro. Além destes, entrevistamos o presidente da Federação Nacional dos Alfaiates e um dos diretores do Sindicato dos Oficiais Marceneiros de São Paulo. Realizamos todas as entrevistas entre os meses de janeiro e agosto de 1996.

Antes e durante o processo de captação das entrevistas, consultamos, lemos e estudamos textos específicos sobre história oral, que orientaram sobre questões de procedimento, organização de ficha, autorizações, registros, armazenamento, catalogação e interpretação.

Cada um dos entrevistados preencheu uma ficha com informações sobre: nacionalidade, ascendência, se trabalha por conta própria ou para alguma empresa, de quem são as ferramentas que utiliza, com quem aprendeu o ofício, se os filhos seguem o mesmo ofício... Fotografamos todos os que trabalham na Vila Madalena.

Durante as entrevistas não seguimos um roteiro rígido de questões, apesar de termos elaborado um previamente e de ter sido ele um guia de referência. Assim, alguns entrevistados falaram sobre as suas trajetórias de vida. Outros se centraram na questão profissional: o trabalho que realizam, com quem aprenderam, se ensinaram para alguém, as peças que produzem, o que pensam sobre o espaço profissional de seu ofício, se consideram o seu ofício uma arte, se consideram o ofício em extinção, quais as diferenças entre o trabalho de hoje e de antigamente e histórias do bairro da Vila Madalena.

Algumas das pessoas falaram de modo solto, contando

histórias, comentando, comparando, refletindo. Outras, porém, responderam de modo reduzido ou fragmentado. Algumas, apesar de manifestarem a dificuldade de falar sobre aquilo que vivem no plano prático, conseguiram aos poucos transformar em palavras as suas vivências e compartilhar as problemáticas que enfrentam no seu dia-a-dia.

Entregamos cópias transcritas das entrevistas para todas as pessoas contactadas, quando solicitamos que lessem e depois indicassem aquilo que gostariam que fosse eliminado ou acrescentado. Apenas em um caso recebemos pedidos de pequenas modificações. Todos os entrevistados ficaram com cópias de suas entrevistas e assinaram um documento de concessão de uso de seus depoimentos.

É importante destacar que os depoimentos coletados poderiam ter sido outros, se tivessem acontecido em outros contextos. Antes de cada entrevista, informamos aos depoentes as intenções da pesquisa, o que orientou, de certo modo, a escolha do que falar e como falar. Apesar de inicialmente tentarmos sugerir que falassem sobre sua história de vida, já que seria um caminho para a composição de uma trajetória que articulasse tanto as vivências sociais e pessoais, como as profissionais, as narrativas geralmente enfocavam a questão do trabalho. Iniciamos as primeiras entrevistas com a solicitação de história de vida. Entretanto, pouco a pouco, na medida em que elas iam acontecendo, passamos a indagar principalmente sobre as trajetórias dos ofícios, tema em que os entrevistados sentiam-se mais a vontade.

Pequenas oficinas de hoje

As entrevistas permitiram uma aproximação com o mundo do artesão atual. Um marceneiro, que trabalha em uma pequena oficina de bairro, é simultaneamente operário e artesão. É dono das suas ferramentas manuais, utilizando-as todo dia, conservando-as como sinal de experiência e habilidade no seu ofício. Ao mesmo tempo, confecciona suas peças utilizando máquinas da empresa. É assalariado, cumpre horário e executa as encomendas. Mas, fica responsável pela confecção de um móvel por inteiro, desde a escolha da madeira, da ordenação das tarefas necessárias que irão transformar o desenho numa realidade material, até o acabamento e a instalação na casa do freguês. Por outro lado, não projeta o que confecciona. Segue as estéticas e as exigências de outros profissionais, como arquitetos e decoradores. Simultaneamente, fica responsável por saber fazer, por fazer escolhas diante da matéria-prima, por corrigir, por acertar, por resgatar experiências, por explicitar na concretude da peça aquilo que não se expõe em uma projeção. No campo do aprendizado, no modo como aprendeu e desenvolveu suas habilidades de ofício, preserva, mesmo sem saber, a sua maior identidade com os antigos artesãos de outros tempos. Aprende observando, fazendo, imitando, ajudando, começando por tarefas simples, como meio-oficial, até se tornar, dez, quinze, vinte anos depois, um oficial. Mesmo que faça algum curso, formal ou informal, não basta. No ponto de vista de quem trabalha no ofício, é a prática que distingue quem é e quem não é um verdadeiro marceneiro.

Hoje em dia, os artesãos trabalham inseridos numa sociedade competitiva, mecanizada e informatizada, que valoriza o tempo ágil, o custo baixo para as mercadorias, a simplificação dos processos de produção e as vivências passageiras pelos espaços urbanos dos bairros, onde estão localizadas as suas pequenas

oficinas. Quantas pessoas tem tempo ou dinheiro para mandar consertar um sapato? Quantas podem mandar fazer um terno sob encomenda? Quem são as pessoas que, diante das inúmeras lojas de móveis industriais, com apelativos preços promocionais, divulgados em rádios e canais de televisão, encomendam um conjunto de armários para a cozinha?

Eles próprios se consideram uma categoria em extinção. Sabem apontar as problemáticas que entravam a continuidade do ofício: longo tempo de aprendizagem, que se confunde com toda uma vida; nenhuma ou baixa remuneração para quem começa a trilhar um aprendizado; a existência de outras possibilidades profissionais que podem render mais recursos financeiros e de modo mais imediato; a concorrência com os produtos industrializados, que são oferecidos a baixo custo; a simplificação dos objetos de uso atuais, que não requerem sofisticadas estéticas e nem de confecção (camisetas, calças jeans, tênis, armários de fórmica, ternos soltos e sem pregas, assoalhos feitos de pedras quadradas...); o tempo de confecção manual ou semi-mecanizado diferencia-se das exigências do mercado consumidor, que envolvido socialmente no tempo da fábrica, impacienta-se diante do tempo do artesão; e a ausência de formação cultural da população, que não sabe distinguir um trabalho manual daquele realizado por máquinas, como no caso de esculturas, que podem ser fabricadas várias simultaneamente, a partir de uma única peça, inserida como modelo numa máquina reprodutora.

Estando ou não em extinção, o trabalho de um oficial é, sem dúvida, para eles, um espaço de autonomia. Para os que trabalham em oficinas próprias, em suas residências ou recebendo porcentagens sobre serviços que realizam, são donos de seu próprio tempo, não se submetem a horários e nem recebem ordens de patrões. Ganham pelo trabalho, pela peça consertada ou confeccionada. Se não quiserem trabalhar, não trabalham e

também não recebem. São parcialmente livres, numa sociedade onde as relações de trabalho e a remuneração confundem-se com o tempo do relógio.

Isso não significa que aqueles que mantêm oficinas estejam livres das ordenações estruturais do sistema, que se estendem nas rotinas sociais fora das fábricas e das empresas. Geralmente, logo cedo abrem suas portas e só fecham quando os demais estabelecimentos também encerram seus expedientes. Usualmente, fazem uso de transportes coletivos, já que alguns moram longe do local de trabalho, dependendo, assim, dos movimentos e dos deslocamentos urbanos. Mas, sem precisar dar satisfações a ninguém, ao longo do dia, fazem as pausas para os cafezinhos e batem papos com os amigos.

Aqueles que trabalham em suas próprias residências possuem mais liberdade: mesclam ritmos de trabalho e afazeres domésticos; prolongam ou reduzem as tarefas de um dia; descansam ou se sobrecarregam nas noites e nas madrugadas; deixam as peças esperar até despertar a “vontade” e bater a “inspiração”.

Os assalariados, por outro lado, obedecem horários de entrada e de saída. Mas, pelas características do ofício, não se submetem a um ritmo de produção medido pela quantidade. Um artífice tem orgulho de sua obra, “quebra a cabeça”, vive a dificuldade de descobrir como deve realizá-la, quer fazer bem feito, assim vive o tempo que cada peça e que cada tarefa requer.

Os trabalhos de marcenaria, de marmoraria ou de costura são, essencialmente, possibilidades de sobrevivência de uma parte da população, que não hesita em se adaptar às inovações tecnológicas ou às solicitações estéticas de seus fregueses. Assim, os artífices não realizam trabalhos puramente manuais, como no tempo em que muitos deles aprenderam o ofício. As máquinas foram introduzidas nas pequenas oficinas, facilitando trabalhos, agilizando os tempos, aperfeiçoando serviços. O alfaiate usa, hoje

em dia, uma máquina de costura. O marceneiro utiliza serra de fita, tupia, desempenadeira, macheteira, esquadreadeira, furadeira, desengrossadeira e respinadeira. A máquina é usada em praticamente todos os processos de confecção de peças em mármore: serra, lustradora, chicote, lixadeira, furadeira e maquina. O sapateiro, com uma só máquina elétrica, pode encerar, lustrar, lixar e polir, fazendo, em segundos, serviços que levavam dias.

Além das máquinas, as matérias-primas e os recursos também sofreram adaptações. As madeiras não são mais as mesmas de antigamente, nem para o marceneiro e nem para o escultor. Não existe mais o jacarandá, nem o pau-brasil, nem a caviúna, nem a peroba. As madeiras de hoje são o mogno, o cedro, a cerejeira, o pinho e o freijó. Não existe mais a madeira maciça. Os trabalhos são feitos com compensado e folhas. Na marmoraria de antigamente era tudo feito no fogo, hoje é liga fria. O disco de abrasivo foi substituído pelo diamante. Nos pratos de lustrar trabalhava-se com malha de aço e vários tipos de pó que afinavam, criando momentos diferentes de acabamento. Hoje se faz tudo com esmeril.

As máquinas e o tempo remodelaram também as estéticas, os objetos de confecção e o tipo de trabalho. O sapateiro não confecciona mais os sapatos. Apenas conserta e reforma. O alfaiate e a costureira ganham mais dinheiro fazendo consertos. Os novos estilos de roupa tornaram obsoletos os recortes acinturados, as pregas, os bordados, as barras feitas a mão. Nas marcenarias predominam móveis em formas de caixotes, como os armários embutidos e as fórmicas das cozinhas. Na marmoraria, os trabalhos de cantaria, de antigamente, envolvendo esculturas e desenhos em alto e baixo relevo na pedra, foram substituídos pela confecção de pias, pisos, lambris e mesas, que requerem recortes retos. A nova estética segue o padrão da máquina. Os torneados, os detalhes, as ondulações, criados pelas mãos, pertencem aos estilos de outros tempos.

As pequenas oficinas dos bairros, apesar de suas adaptações às condições exigências atuais do mercado, tem sido ameaçadas até nas modalidades de serviços que, aparentemente, só caberiam a elas, como é o caso das reformas e dos consertos de roupas e sapatos. Empresas de consertos estão gradativamente ocupando as poucas alternativas de sobrevivência das pequenas costureiras, dos alfaiates e dos sapateiros. Em uma cidade como São Paulo existem serviços de oficinas, nacionais e estrangeiras, instaladas em shopping centers e supermercados, que reformam casacos antigos ou trocam solas de sapatos.

No plano individual, os artesãos materializam suas experiências no seu dia-a-dia, difundem suas obras, cuidam e preservam suas ferramentas que caracterizam e dão vida ao seu ofício, adaptam-se ao mundo atual, ocupam espaços visíveis ou escondidos na multiplicidade de atividades, materialidades e imagens que compõem as ruas, os bairros, a cidade. Apesar de isolados nas suas pequenas oficinas, mantendo poucas trocas com outros do seu mesmo ofício, apesar de pouco conhecer sobre antigas histórias ou tradições, preservam, mesmo sem saber, a memória de antigas possibilidades de sobrevivência, já que ainda possuem o domínio de todos os processos de confecção de uma peça, vivem o desafio de materializar e moldar sozinhos as projeções e os desenhos, criam alternativas para refazer, nos consertos, a possibilidade de uso e de estética de uma roupa ou um sapato, reconhecem a permanente conquista de conhecimentos e de experiências ao longo de toda a vida profissional.

Fontes orais

Entrevistas com artífices e representantes de federações e sindicatos de artesãos, ativos na cidade de São Paulo (SP), no ano de 1996.

Referências Bibliográficas

ABREU, A. R. de P. *O avesso da moda. Trabalho a domicílio na indústria de confecção*. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARDI, P. M. *Mestres, artífices, oficiais e aprendizes no Brasil*. [S.l.]: Banco Sudameris Brasil S.A., 1981.

GAMA, R. *A tecnologia e o trabalho na história*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1986.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. Tomo I. São Paulo: Editora Mestre Jou, [19--].

HOBBSAWN, E. J. *Mundos do trabalho*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KATINSKY, J. R. O ofício de carpintaria no Brasil. Justificação para uma investigação sistemática. *Revista de História*, São Paulo, v. 34, n. 70, abr./jun. 1967.

MASSARANI, E. V. L. *O artesanato de São Paulo*. São Paulo: IMESP, 1983.

RABELLO, S. *Os artesãos do padre Cícero*. Recife: MEC/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

ABSTRACT

This text is about the artisans present at São Paulo city today and their adaptation for industrial and postindustrial world work.

KEY WORDS: Artisans, Artificer, Handworker, Oral History.